



ALICENEWS.CES.UC.PT

INSURGENT AND INTERCULTURAL CONTENT IN ENGLISH, PORTUGUÉS Y ESPAÑOL

#55 2023-10-27

ISSN 2795-515X



pt Notícias Anti-Heteropatriarcado Anti-Colonialismo Anti-Capitalismo

altant alaswad, ou a sobrevivência dos pirilampos

An

"Seria criminoso e estúpido colocar os pirilampos sob um holofote no intuito de os observar melhor. Tal como de nada serve estudá-los depois de mortos, espetados com alfinetes sobre uma mesa de entomologista ou(...)

Por Bruno Costa



pt Reflexão Anti-Colonialismo

Joana Ricarte discute o contexto da atual escalada de violência entre Israel e o Hamas

AN Original

Joana Ricarte (Investigadora no Instituto Jurídico (IJ) da Universidade de Coimbra e autora do livro *The Impact of Protracted Peace Processes on Identities in Conflict: the case of Israel and Palestine*, publicado em(...)

Por Joana Ricarte



pt Reflexão Anti-Colonialismo

Not a Number: Yousef Maher Dawas

AN Original

Os palestinianos estão a ser sujeitos a uma violência genocida. E todo o mundo está a ver.

Por Daniela Jorge



pt Reflexão Anti-Capitalismo Anti-Colonialismo Anti-Heteropatriarcado

Narges Mohammadi e o Nobel para a Paz

A 6 de Outubro foi atribuído a Narges Mohammadi o Prémio Nobel da Paz pelo seu trabalho de ativismo durante as últimas duas décadas, mostrando como, apesar de poder passar despercebida face à violência e ruído(...)

Por Sofia José Santos, Daniela Nascimento, José Manuel Pureza



pt Reflexão Anti-Colonialismo

Licinia Simão realiza a historia e a crise geopolítica do Nagorno-Karabakh

AN Original

Licinia Simão (Professora de Relações Internacionais da Faculdade de Economia e Investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra) relata a história do "Estado não reconhecido" de(...)

Por Licinia Simão



es Reflexión Anticolonialismo

La cuestión de la justificación para una concepción emancipatoria de los derechos humanos

AN Original

¿Necesitan los derechos humanos ser justificados? A priori, plantear esta cuestión es a todas luces una pregunta que encierra en sí misma la respuesta, dado que los derechos humanos son ellos mismos un fundamento(...)

Por Mario García Roche



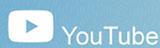
en Reflection Anti-Heteropatriarchy Anti-Colonialism Anti-Capitalism

Narratives and imaginaries as (polarising) war weapons

AN Original - UNPOP Series

Photo by Jakob Owens for Unsplash

By Sofia José Santos, Alexandre de Sousa Carvalho



Centro de Estudos Sociais Tel +351 239 855 570
Colégio de S. Jerónimo Fax +351 239 855 589
Apartado 3087
3000-995 Coimbra, Portugal alicenews@ces.uc.pt



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificado como original licenciados de acordo com a fonte.
Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.
Original contents licesed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.

altant alaswad, ou a sobrevivência dos pirilampos

AN Original

2023-10-24

Por Bruno Costa

"Seria criminoso e estúpido colocar os pirilampos sob um holofote no intuito de os observar melhor. Tal como de nada serve estudá-los depois de mortos, espetados com alfinetes sobre uma mesa de entomologista ou olhados como coisas antigas, aprisionadas em âmbar desde há milhões de anos. Para conhecer os pirilampos, é preciso vê-los no presente da sua sobrevivência: é preciso vê-los dançar, vivos, no coração da noite, ainda que esta seja varrida pela luz feroz dos holofotes" (Didi-Huberman, 2022, p.30).



Imagem que procura acompanhar o movimento levado a cabo por manifestantes palestinos/as, optando por devolver o olhar às forças policiais coloniais, que vigiam e registam um protesto (e os/as manifestantes) levado a cabo num bairro com o nome de Colónia Alemã, localizado perto do porto da cidade de Haifa. Fonte: Bruno Costa (2022).

Quando um/a amigo/a me contactou passados vários meses desde o nosso último encontro, com a urgência de partilhar o espaço de escrita *altant alaswad*, senti a alegria e o estranhamento presentes num momento de reencontro. Mais tarde, quando me deparei com esses lampejos em forma de ensaios, senti o mesmo impulso de os partilhar com o mundo no idioma em que me expresso. Eles são interiores, fundem palavra, imagem, experiência, carne e desejo, eles ardem a (e em) quem os escreve(u) e, por experiência própria, a (e em) quem os lê(u), mesmo sem o domínio de todas as palavras desenhadas no ecrã. Sei que no ato de traduzir trechos dessas imagens-palavra, elas me vão escapar e aparecer sob

outras formas, espero que, ainda, com semelhante potencialidade. Mas também sei que, mesmo sem o seu domínio (e porque havia de querer dominá-las?), elas se manifesta(ram) como potência transformadora no processo de leitura. Sempre escorregadio, o ato de tradução como ato de transformação – das palavras, do texto, mas também de quem traduz e de quem lê – acontece como uma cadência que une a experiência corporal de quem, mais tarde, escreve e o meu (espero que o nosso) contacto com essas palavras-experiências quando as leio (lemos). Nesse sentido, a minha única preocupação foi a de não impor significados que se afastem demasiado das experiências do/a autor/a e que tornem os textos mais próximos do meu conforto, sabendo, no entanto, que a minha posição interfere sempre, de algum modo, nesta leitura que faço deles.

altant alaswad busca uma unidade marginal. *altant* (الطنط), ou bixa, é um termo pejorativo que, quando apropriado em conjunto com *alaswad* (الأسود), ou negr/o/a/itude, forma um outro ser e um outro fazer. Elas contaminam-se como geradoras de, ou gatilhos para discussões, mas, sobretudo, como posicionalidade(s) revolucionária(s). A sua é uma escrita pessoal (por vezes desconfortavelmente íntima) que nunca abdica de ser política e, ao mesmo tempo, se dissimula como experiência multitudinária, recusando assumir o nome individual como expressão de uma identidade sofredora sem saída. Esse caráter multitudinário da escrita estende-se, antes, como crítica e desejo(s) mobilizado(re)s, como imagem e método partido, transitório, transdisciplinar e interrelacional. Um sentir-pensar-escrever que parte do real e do sensorial, na sua “enorme complexidade, especialmente num lugar como a Palestina” – espaço-tempo que perturba qualquer leitura dicotômica e normativa, pela sua composição sobreposta e multidirecional, atravessada pela dor e pela extrema violência de quem procura sentido e esperança numa luta quotidiana que se expressa como ato (coletivo) em forma de poema, de pedra ou de Intifada. A proposta (ou o propósito) deste lugar de escrita e discussão é o de abrir espaços para “ideias ausentes das discussões públicas na, ou sobre a, Palestina”, como um “diário” que decompõe as barricadas a partir do seu interior. Fá-lo de uma forma fugidia, mas evita distanciar-se delas, tanto por impossibilidade como por escolha, e recusa o espírito *voyeurístico* de quem analisa sem nunca querer ser visto/a.

Esse lugar de uma escrita sempre interrompida começa por me (nos) localizar em Jerusalém / *al-Quds*, a realidade – forma e imaginário de cidade – que molda aquilo que está por vir. No primeiro ensaio, intitulado “Jerusalém, virilidade, escrita e morte”, o/a autor/a situa um corpo – o seu, feito de carne, e o da cidade, feito da mesma matéria, mas também de pedra e de betão – atravessado por dinâmicas de violência colonial partilhadas com muito/as outros/as palestinianos/as, mas cuja finalidade é a sua fragmentação, através da difusão de mecanismos burocráticos, biométricos, discursivos e institucionais. Contudo, é aqui que cólera, prazer, felicidade, melancolia, frustração e medo são experienciados de forma sobreposta e multidimensional por aqueles/as que habitam a cidade e são habitados por ela – “os/as muitos/as que a amam loucamente e não suportam viver nela”. Maio de 2023, data em que o texto foi escrito, revelou-se no/a autor/a como cólera e felicidade ao rememorar o processo de revolta anticolonial e imaginação descolonizadora iniciado dois anos antes no bairro de Shekh Jarrah e que ficou conhecido como Intifada da Unidade. A repressão deste processo despoletou sentimentos de melancolia e frustração durante o ano de 2022 e apresenta-se, hoje, como medo quando ele/a vê as ruas (es)vazia(da)s da cidade. O seu corpo precário treme quando ele/a escuta o silêncio que precede o mês de junho. Ele/a tem medo de ficar encurralado/a entre a liturgia colonial daqueles/as que irão marchar sobre a cidade – celebrando a ocupação de 1967 como momento de unificação – e os guardiães de *al-Quds* que, durante o mês do *Orgulho*, ficam ainda mais atentos a qualquer movimento lido como menos viril. Um quotidiano de exposição à morte.

A relação entre a morte e as vidas *queer* dá o mote para o segundo ensaio, “Homossexualidade, morte e a romantização do suicídio”. Mais do que exaltar esta relação com um lastro histórico, o/a autor/a complica-a e questiona a sua romantização como único lugar possível de enunciação, sem nunca ignorar as consequências da vigilância e violência institucionais impressas naqueles corpos lidos como “abjetos”. Partindo sempre do seu próprio corpo, como um que convive(u) com o suicídio na forma pensada, escreve sobre a fragilidade inerente à construção de modelos de vida *queer* “árabes” onde a outra face do heroísmo são (sempre?) a depressão, o suicídio e a morte como norma(s). A ativista *queer* Sarah

Hegazi, que se suicidou durante o mês do *Orgulho* em 2020, deixou escrito: “mas eu perdo”. O/a autor/a responde que ninguém deverá ter de perdoar ou de voltar a escrever a partir da posição de Sarah Hegazi.

São estas posicionalidades, fragilizadas pelo encontro com a morte, que se veem inseridas numa disputa entre o projeto colonial de povoamento israelita e os seus críticos. As narrativas e dramas pessoais usados por (e em) vários meios com o propósito de desmontar o relato oficial de Israel como “oásis” liberal *queer* situado num “deserto” de barbárie homofóbica – parte de uma autorepresentação mais vasta sobre a sua excecionalidade tecnocientífica e democrática – servem qual projeto? Em “Pinkwashing, a mentira da proteção e Israel”, como em outros ensaios, o/a autor/a usa o nosso desconforto como potência crítica. E se Israel fosse mesmo esse “oásis” *queer*? E se o Estado colonial garantisse realmente um espaço mais seguro para *queers* palestinianos/as? De que modo é que isso tornaria a sua existência mais aceitável? Como é que isso legitimaria a limpeza étnica da Palestina? Este projeto crítico serve, então, a contínua fragmentação da Palestina e dos/as palestinianos/as ao apresentar uma leitura segmentada do projeto colonial de povoamento, onde Israel é, no fim de contas, normalizado e onde a violência – transformada em violência racista e homofóbica, como negação da (infra)estrutura colonial – se dissipará a partir do momento em que estiverem garantidos os mecanismos liberais de proteção e inclusão (de alguns/mas) dos/as “outros/as”, transformados/as numa minoria dentro do seu próprio território.

Dentro das barricadas desta luta que também é disputada como relato, *altant alaswad* convida a pensar o pessoal como político, seja na relação de apoio mútuo que ajuda a sustentar os corpos expostos nas ruas, ou naquela onde os sentimentos de alegria e perda apenas têm sentido quando são compartilhados entre camaradas. Em “Barricadas, homossexualidade e o tempo da traição” fala-se da repentina mudança editorial de uma plataforma que, no passado, acolheu a escrita e a visão de ativistas feministas e queer palestinianos/as, rejeitando reduzir as causas e o impacto desta traição apenas às suas dimensões instrumentais e ideológicas. Para o/a autor/a, e apesar daquilo que de “técnico” poderá ter estado na origem desta traição, ela é sentida como fissura num caminho percorrido em comum, como quando se é deixado/a sozinho/a nas ruas vazias de *al-Quds*, exposto/a ao que poderá chegar e sem os/as companheiros/as necessários para imaginar e partilhar o que está por vir e o que fazer. Qualquer luta política é parte de um processo cumulativo (e em curso) de experiências, conhecimentos, práticas, relações, discussões, alegrias, esperanças e desejos partilhados. A traição expõe de forma clara a articulação entre o pessoal e o político ao desarticular fria e repentinamente esse sonho coletivo de libertação.

Espero, realmente, que a viagem de quem lê *altant alaswad* comece agora. É pouco comum encontrar uma escrita assim, partida, desconfortável, incerta, onde o/a autor/a se expõe para mobilizar uma crítica sofisticada do que o/a rodeia, daquilo que faz o seu corpo tremer, especialmente num contexto superexposto a narrativas que se ausentam no campo do analítico – porque podem(os), porque o seu/nosso espaço-tempo está desfasado em relação à vida e à morte palestinianas, mesmo quando (com)prometem(os) o seu/nosso privilégio pessoal, intelectual e político. Em “Família, homossexualidade, orgulho e negação”, o curto ensaio que me motivou a escrever este texto, toda essa complexidade se manifesta como autorreflexão sensível sobre as relações familiares. A nível formal, a escrita de viagem reivindica um verdadeiro direito de fuga, não como normalização da teleologia do *armário* – evento ora trágico, ora libertador – mas precisamente como a sua recusa. As camadas de estranhamento vão-se adensando durante o percurso sinuoso, no decurso do qual se erguem *checkpoints* mentais, pela imposição da monstruosidade urbana – o corpo da Telavive israelita como ícone de um *Orgulho* civilizacional – sobre a Jaffa palestinianiana. A *queeridade* do/a autor/a é votada ao silêncio, por ele/a e pelos/as parentes, para que as barreiras não se manifestem. Esse silêncio pode ser lido como silenciamento e negação, mas também como mecanismo de preservação (da relação) e como recusa de fragmentação (familiar e comunitária).

R/existir é um processo atravessado por contradições e complexidades que vão muito além de um momento-evento isolado onde se processa uma transição higiênica e organizada que nos remove de um presente de opressão rumo a um futuro de liberdade. O mesmo pode ser dito sobre a descolonização

como processo-sempre-em-curso de “desordem absoluta” (Fanon, 2015, p.40). Os dois processos sobrepõem-se e, nas palavras-imagens de *altant alaswad* são, na realidade, o mesmo. Ou, por outras palavras, são “*imagens-pirilampo* [...] à beira da desapareição, sempre agitadas pela urgência da fuga, sempre próximas daqueles que, para levarem a cabo o seu projeto, se escondiam na noite e tentavam o impossível, pondo em risco a própria vida” (Didi-Huberman, 2022, p.85). Diria, para concluir, que são a crítica que reencanta o mundo que habitamos ao mobilizar práticas e desejos de descolonização no presente, sempre informadas diagonalmente por memórias de um outro mundo possível.

Referências

DIDI-HUBERMAN, Georges. Sobrevivência dos Pirilampos. Lisboa, KKYM+P.OR.K, 2022 [2009].
FANON, Frantz. Os Condenados da Terra. Lisboa, Letra Livre, 2015 [1961].



Bruno Costa é Doutorando do Programa Pós-Colonialismos e Cidadania Global (financiado pela FCT desde outubro de 2019 e com trabalho de campo realizado entre setembro e dezembro de 2022 na Universidade de Birzeit, Palestina), coordenado pelo Centro de Estudos Sociais em parceria com a Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.



**EPISTEMOLOGIAS
DO SUL**



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Universidade de
Coimbra - Alta e Sufita
inscrita no Livro de Património
Mundial em 2013



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificado como original licenciados de acordo com a fonte.
Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.
Original contents licesed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.



pt Reflexão Original Anti-Colonialismo

Joana Ricarte discute o contexto da atual escalada de violência entre Israel e o Hamás

AN Original

2023-10-23

Por Joana Ricarte

Joana Ricarte (Investigadora no Instituto Jurídico (IJ) da Universidade de Coimbra e autora do livro *The Impact of Protracted Peace Processes on Identities in Conflict: the case of Israel and Palestine*, publicado em acesso aberto em 2022 pela editora Palgrave Macmillan) discute o contexto da atual escalada de violência entre Israel e o Hamás, que decorre não apenas do massacre atroz e injustificável perpetrado por esta organização contra civis em Israel mas, também, está relacionado com uma situação prolongada de ocupação, falta de direitos, perspectivas e liberdade que é imposta aos palestinianos e que tem levado a uma normalização da violência quotidiana contra este povo. O contexto geopolítico do Médio Oriente é analisado, assim como as implicações da crise humanitária agravada pela declaração de guerra de Israel e a iminência de uma invasão terrestre em Gaza.



EPISTEMOLOGIAS
DO SUL



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

1290
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

Universidade de
Coimbra – Alcazarras
inscrita na Lista do Património
Mundial em 2013



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificados como original licenciados de acordo com a fonte.
Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.
Original contents licensed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.

Not a Number: Yousef Maher Dawas

AN Original

2023-10-22

Por Daniela Jorge

Os palestinianos estão a ser sujeitos a uma violência genocida. E todo o mundo está a ver.

Em Gaza, milhares de pessoas foram mortas, dezenas de milhares estão feridas. Mais de um milhão deslocados, alguns a ser refugiados pela segunda vez. Hospitais, escolas, universidades, padarias, igrejas e mesquitas estão a ser bombardeados. Médicos, professores, jornalistas, bombeiros e equipas de proteção civil estão a ser atingidos. Israel promete intensificar estes ataques. Na Cisjordânia, os palestinianos continuam a ser confrontados com violência dos colonos (700,000+ na Cisjordânia) e incursões militares. Mais de 80 pessoas foram mortas e 1000+ detidas. Na Europa e na América do Norte, os que expressam solidariedade com a luta pela liberdade da Palestina, estão a ser intimidados pelas autoridades de imigração, ameaçados com deportação, e correm o risco de serem detidos, entre outras medidas que procuram silenciar estas manifestações.



O seguinte texto foi escrito pelo jornalista palestino Yousef Maher Dawas, membro do coletivo [We Are Not Numbers](#) (Nós não somos números). Este coletivo resiste a redução da existência palestina a números e estatísticas. We Are Not Numbers publica sobre as vidas, histórias, ambições, sonhos, esperanças e experiências do povo palestino. Yousef foi morto, juntamente com vários membros da sua família, por um míssil que atingiu a sua casa na cidade de Beit Lahia, no norte da Faixa de Gaza. Para além das suas obras jornalísticas, Yousef estava a estudar para ser psicanalista. Ele devia estar vivo.

Este texto faz parte de uma série de publicações de textos traduzidos para português sobre a Palestina e palestinos. As hiperligações dos textos originais estão disponíveis no título de cada texto.

[Quem pagará os 20 anos que perdemos?](#)

Yousef Maher Dawas

14 Janeiro 2023

As pessoas detestam silêncios incómodos - o momento em que uma conversa pára e um vazio preenche o espaço de uma forma desconfortável. Por isso, naturalmente, fazem tudo o que podem para os evitar. No entanto, não é esse o caso em Gaza. Gostamos do silêncio - porque significa uma pausa da morte e da destruição. Pelo menos até ser abruptamente quebrado pelo som dos mísseis que fazem as nossas casas balançar e os nossos corações dançar com medo.

É o primeiro dia da celebração do Eid al-Fitr, em maio de 2022 e estou em casa da minha família, onde vivo com os meus pais, irmãos e irmã. É o início da noite e o céu está cor-de-rosa do pôr do sol.

A tranquilidade da noite é rompida por um forte bombardeamento. O barulho das explosões quebra o silêncio e penetra os meus ouvidos, enquanto os clarões de luz queimam os meus olhos. Estou em choque. Um míssil projecta luz nas paredes, acompanhado por um trovão furioso. Há um atraso entre o som da explosão e a luz do impacto. Salto com medo e ranjo os dentes quando o míssil atinge o seu impacto.

Naquela noite, estávamos todos nos nossos quartos, mas à medida que os bombardeamentos se tornavam mais violentos e frequentes, juntámo-nos em busca de consolo numa sala comum no meio da casa. Isto trouxe-nos uma falsa sensação de segurança. Claro que sabíamos que não estávamos seguros, mas preferíamos morrer juntos do que sozinhos.

Estava a comer um pouco de chocolate para ajudar a acalmar a minha ansiedade, um hábito de infância que se manteve comigo. A minha mãe levantou-se para fazer café e distrair-se da situação. Mas eu disse-lhe que ia eu, queria que ela ficasse segura no quarto com os outros. O bombardeamento no meu bairro era intenso e sabíamos que um míssil podia atingir a nossa casa. Fui à cozinha com a esperança de que, se fosse a nossa vez de sermos atingidos por uma bomba, isso acontecesse depois de ter feito café. Por sorte, nenhuma bomba atingiu a casa, pelo que consegui encher a cafeteira e levá-la para os outros.

Tentámos distrair-nos da situação aterrorizante e continuámos a celebrar o Eid, tocando música, comendo chocolates e bebendo café. Nessa noite, ninguém dormiu até que o sol nasceu.

De manhã, o meu pai recebeu uma chamada. "Bom dia." Achei que era uma coisa estranha de se dizer, porque não era um bom dia. Será que ele o disse por hábito ou por estar grato por nenhum de nós ter sido morto naquela noite?

"Um momento e já lá vou ter", acrescentou, e sem hesitar levantou-se e saiu de casa a correr. Quis perguntar-lhe o que tinha acontecido, mas ele foi demasiado rápido e desapareceu. O resto da minha família ficou nos seus quartos a tentar descansar.

O meu pai era um homem corajoso e sempre se preocupou connosco. Eu sabia que, quando ele saía para o perigo, voltava sempre, independentemente de quem estivesse à esquina ou do que estivesse a voar por cima de nós. Já tinha sido preso e detido por defender as suas terras com pedras contra os tanques e as armas do nosso inimigo. Cresceu como agricultor no terreno que pertence à nossa família há quase um século, desde 1925. Pertencia ao meu bisavô e foi herdado por várias gerações.

Depois de algumas horas, o meu pai voltou. Fiquei aliviado por o ver voltar a casa outra vez. Mas alguma coisa não estava bem. O seu corpo estava dobrado e tinha a postura de um homem idoso. Nos seus olhos tristes vi lágrimas secas.

"As nossas árvores tornaram-se cinzas." As palavras eram pesadas ao sair da boca dele. Um silêncio doloroso estendeu-se pela casa antes de ele acrescentar: "Eu plantei essas árvores, cuidei delas e reguei-as com as minhas próprias mãos. Semana a semana. Mês a mês. Ano após ano. Vi as folhas e os ramos crescerem." Ele respirou fundo e continuou num tom mais baixo enquanto tentava conter as lágrimas. "Estas árvores eram mais velhas do que tu, Yousef."

Fui para o meu quarto para fugir à realidade chocante de que as terras da nossa família, que foram passadas de geração a geração, tinham sido destruídas. Abri o meu portátil, coloquei os fones e, de forma desafiante, pus o videojogo mais barulhento que consegui encontrar. Isto ajudou a bloquear o som dos choros do meu pai e do bombardeamento lá fora.

A maioria dos habitantes de Gaza têm a sua própria forma de procurar um refúgio na sua mente. O meu era jogar videojogos. Eu sabia que muitos jovens em vários países do mundo estavam a jogar o mesmo jogo que eu - mas por diversão, não para escapar da morte. Fiquei com esse pensamento durante algum tempo.

Passaram-se algumas noites e a guerra acabou por ser suspensa. Um cessar-fogo foi acordado e os bombardeamentos deixaram de cair do céu. Mas a destruição tinha deixado algo morto no coração da minha família - uma parte significativa da nossa história tinha sido destruída. Eu sabia que muitos outros habitantes de Gaza tinham sofrido ainda mais, como sempre acontece. Os bombardeamentos mataram muitas pessoas, deixando crianças órfãs e destruindo famílias. Algumas pessoas foram enterradas debaixo das suas próprias casas, enquanto outras foram mortas nas ruas. Alguns ficaram mutilados e perderam partes do corpo, enquanto muitos de nós, que ficámos para trás, perdemos um pedaço da nossa alma.

Não queria ir ver os nossos campos destruídos. Não tinha qualquer curiosidade em ver as minhas memórias reduzidas a cinzas. A última vez que lá estive, sentei-me debaixo das oliveiras com os meus amigos a comer za'atar, pão e azeite. Bebemos chá, assámos milho e apanhámos fruta. Ainda consigo sentir esses sabores e o cheiro do ar.

Mas agora, três buracos deixados por bombas atormentavam essas memórias. Deixaram areia cinzenta-escura e os restos de troncos e ramos de árvores queimados. Árvores que tinham dado frutos como azeitonas, laranjas, clementinas, nêspers, goiabas, limões e romãs. Pus as mãos sobre o meu coração para que não caísse do meu peito e senti esses três buracos dentro de mim.

Este último ataque na Gaza destruiu uma importante parte do nosso passado. A história da nossa família. O nosso património. "Mas quem somos nós sem um passado ou uma história?", perguntei-me.

Tentei confortar o meu pai e disse que a terra iria recuperar e que poderíamos trabalhar com o apoio das Nações Unidas para replantar as árvores que perdemos.

"Mesmo que alguém nos ajudam a reparar os danos e a plantar novas árvores, quem é que me vai devolver os anos que passei a cuidar delas e ajudá-las a crescer? Quem é que nos vai pagar os 20 anos que perdemos?"

Um silêncio incómodo instalou-se entre nós, enquanto ambos ponderávamos a natureza simbólica da nossa perda.



**EPISTEMOLOGIAS
DO SUL**



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



1290
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificado como original licenciados de acordo com a fonte.

Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.

Original contents licesed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.

Narges Mohammadi e o Nobel para a Paz

2023-10-18

Por Sofia José Santos, Daniela Nascimento, José Manuel Pureza

A 6 de Outubro foi atribuído a Narges Mohammadi o Prémio Nobel da Paz pelo seu trabalho de ativismo durante as últimas duas décadas, mostrando como, apesar de poder passar despercebida face à violência e ruído das armas, a resistência pelas palavras e pelas histórias é fundamental na luta pelos direitos humanos, pela liberdade e pela paz.

Antes dessa data, poucas e poucos de nós fora do Irão teriam ouvido falar de Mohammadi. A ignorância não trouxe menor comoção perante a notícia, sobretudo quando, nesse texto, fomos descobrindo a sua história. Mulher, ativista, jornalista iraniana, Narges Mohammadi tem lutado e enfrentado o regime Iraniano em prol dos direitos das mulheres com elevadíssimos custos pessoais. Mesmo estando presa em Evin, Mohammadi não se demitiu do seu ativismo nem deixou a luta pelos Direitos Humanos para trás. Não foram as cinco condenações das quais decorreram 31 anos de prisão e 154 chicotadas que a silenciaram. Não foi por estar no cárcere que quebrou ou que deixou de ter voz e de dar voz a outras vítimas ou a outras lutadoras - mesmo quando as circunstâncias de sobrevivência quase o exigiam.

Os prémios Nobel da Paz são, de facto, momentos ímpares de reconhecimento e de consciencialização de lutas, muitas vezes corajosas, e de conquistas pela paz. Mas as atribuições anuais deste prémio - que este ano celebra a luta de Mohammadi - são também momentos políticos e de aprendizagem. O que podemos aprender a partir desta atribuição concreta do Nobel da Paz? O que podemos aprender da sua vida e da forma como a sua vida de jornalista e ativista tem corporizado o mote "Woman, Life, Freedom"?



Narges Mohammadi

O Nobel como escolha política do que significa Paz

Olhando para aquela que tem sido a trajetória histórica de atribuição do Prémio Nobel da Paz, é possível notar uma tendência de abertura a um entendimento cada vez mais amplo do que significa a Paz. Se em muitas circunstâncias, sobretudo nas primeiras décadas, o comité Nobel foi reconhecendo e premiando personalidades, movimentos ou organizações diretamente envolvidos na promoção da paz no seu sentido mais restrito, de colocar fim à violência e à guerra - como são exemplos, os Capacetes Azuis das Nações Unidas em 1988, Yasser Arafat e Shimon Peres em 1994, a ONU e Kofi Annan em 2001 -, a verdade é que, recentemente, têm sido várias as ocasiões em que o mesmo Comité Nobel abraça e reconhece o contributo de movimentos e ativistas diretamente envolvidos/as na luta pela liberdade e direitos humanos como merecedores do Prémio Nobel da Paz. Isto reflete não apenas um reconhecimento e um entendimento alargado da Paz, mas também como este Prémio pode e deve, enquanto escolha política, contribuir para promover a ideia de que qualquer sociedade só estará verdadeiramente em paz quando, para além da ausência de violência direta e de guerra, outras formas de violência mais estrutural também sejam combatidas e eliminadas. A paz faz-se do respeito pela dignidade humana, dos direitos e liberdades fundamentais de todas as pessoas, em todo o mundo, de justiça social e ambiental, de justiça histórica e cognitiva. E essa paz constrói-se, sobretudo, nas lutas na rua, na mobilização cidadã e ativista feita por pessoas comuns como Narges Mohammadi.



Grupo de pessoas a manifestarem-se em Vancouver. Fonte [Albert Stoynov, Unsplash](#).

Os Direitos das Mulheres

As mulheres são o alvo primeiro e privilegiado das agressões à emancipação, à liberdade e à dignidade humana. Se a evolução do sistema internacional de proteção de Direitos Humanos nos mostra a necessidade de uma proteção sem fronteiras, também evidencia que a garantia dos direitos humanos deve ser específica e diferenciada, acautelando a particularidade das experiências e vulnerabilidades dos diferentes sujeitos - no plano jurídico, mas também político, económico e social e ancorado na vida de todos os dias. Nesse sentido, premiar Narges Mohammadi pela sua luta ativa em prol da defesa dos direitos das mulheres no Irão, vítimas da violência e opressão sistemática de um regime radical, é um apelo à luta em prol da defesa dos direitos das mulheres em todo o mundo. Sob o lema 'Mulher, Vida, Liberdade', sublinha-se isso mesmo: o direito à dignidade humana, à igualdade de acesso a direitos e liberdades fundamentais por parte das mulheres, o apoio à luta das mulheres pelo direito a uma vida plena e digna e a luta pela liberdade de expressão, nas suas múltiplas dimensões, incluindo a liberdade contra a contestação de regras que impõem às mulheres que cubram os seus corpos e os seus cabelos, se limitem ao espaço privado e se mantenham invisíveis. Esta mensagem é de apoio à luta das mulheres

iranianas, representadas em Narges Mohammadi e em quem com ela tem lutado, mas também à luta de todas as mulheres e homens vítimas de opressão, repressão e violência física e estrutural por todo o mundo e cuja luta é entendida, e bem, como uma luta pela Paz.



Narges Mohammadi

Jornalismo e ativismo

Ainda que os títulos sobre o prémio identifiquem sempre Narges Mohammadi como jornalista, Mohammadi recebeu o prémio essencialmente pelo seu trabalho de ativista. Folheando as notícias - mesmo que em tabs digitais -, a etiqueta de jornalista tende a eclipsar-se quando se fala do caminho que leva Mohammadi ao prémio. Para o trabalho de ativismo que desenvolveu, a luta nas ruas, a mobilização política, a organização política - muitas vezes em rede e em coletivos - foi fundamental. Mas também o foi a forma como comunicou politicamente. As histórias que contou e as violências que essas histórias denunciaram, as cartas que escreveu a partir da prisão ou a compilação de entrevistas que editou no livro *White Torture* foram cruciais. Através destas histórias, Mohammadi conseguiu visibilizar trajetos e experiências de mulheres silenciadas e invisibilizadas, e fê-lo reconhecendo as suas subjetividades e as suas experiências diferenciadas, unindo-as e politizando-as. É este o potencial da comunicação e do storytelling politizados. Agregam, coletivizam o individual, politizam o pessoal, mobilizam, constituindo formas muito produtivas de resistência e de contra-poder. Apesar das notícias dissociarem o seu trabalho de jornalismo do de ativista, ou pelo menos não o reconhecerem amiúde como um só, o trabalho de Narges Mohammadi é, de facto, jornalismo e ativismo num só - com todo o rigor e com toda a seriedade.



Divulgação da RSF da atribuição do Prémio Nobel da Paz a Narges Mohammadi. A 12 de Dezembro de 2022, esta mesma organização atribuiu-lhe o Prémio RSF de Coragem. Fonte [Reporters without borders](#).

Ativismo e jornalismo não são necessariamente práticas distintas. O jornalismo para a paz - em que enquadrámos o trabalho de Mohammadi - favorece a desconstrução de violências e opressões e promove a permanente (re)construção de uma paz positiva. Não é preciso estar em guerra para precisarmos de jornalismo para a paz. Quantas violências, estados de exceção existem em cenários de paz formal. E como precisamos do jornalismo para a paz no dia-a-dia onde quer que estejamos. É precisamente mais disto que precisamos - Narges Mohammadi e Jornalismo para a paz na e sobre Ucrânia, Rússia, Israel, Palestina e por tantas outras geografias fora.



Sofia José Santos é Professora Auxiliar de Relações Internacionais na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e investigadora no Centro de Estudos Sociais onde coordena, juntamente com Júlia Garraio, o projeto "UNCOVER: Violência sexual nas paisagens mediáticas portuguesas", financiado pela FCT. O seu trabalho foi já publicado no *European Journal of Women' Studies e Media and Communication*.



Daniela Nascimento é Professora Associada de Relações Internacionais, com Agregação, na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e investigadora do Centro de Estudos Sociais onde tem desenvolvido, desde 2009, investigação sobre Estudos para a Paz, Humanitarismo e Direitos Humanos. Alguns dos seus trabalhos foram já publicados pelas editoras *Springer International e Routledge* e por revistas científicas, como a *International Peacekeeping*.



José Manuel Pureza é Professor Catedrático de Relações Internacionais na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e investigador no Centro de Estudos Sociais onde tem desenvolvido investigação sobre Teoria Crítica, Estudos para a Paz, Direito Internacional e Direitos Humanos. Atualmente, os seus interesses de investigação centram-se essencialmente em torno de perspetivas críticas de humanitarismo, construções teóricas da paz, e medo e afeto na política internacional.

Este artigo foi escrito no âmbito das iniciativas de extensão universitária do Núcleo de Relações Internacionais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e do projeto UNCOVER: Violência sexual nas paisagens mediáticas portuguesas", financiado pela FCT (2022.03964.PTDC).



**EPISTEMOLOGIAS
DO SUL**



**Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra**



1290
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
Ciência e Cultura



Universidade de
Coimbra - Vila e Sítio
Inscrito na Lista do Património
Mundial em 2013



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificado como original licenciados de acordo com a fonte.
Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.
Original contents licesed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.

Licínia Simão realiza a historia e a crise geopolítica do Nagorno-Karabakh

AN Original

2023-10-07

Por Licínia Simão

Licínia Simão (Professora de Relações Internacionais da Faculdade de Economia e Investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra) relata a história do "Estado não reconhecido" de Nagorno-Karabakh que, após mais de trinta anos de resistência e face à ofensiva militar do Azerbaijão, anunciou que as suas instituições serão extintas até ao final do ano. A situação geopolítica no contexto do Cáucaso é analisada, bem como as implicações da atual crise humanitária e da fragilidade do direito internacional e da diplomacia na gestão dos conflitos internacionais.



EPISTEMOLOGIAS
DO SUL



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



1 2 9 0
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Universidade de
Coimbra - Alta e Sã
Instituição de Ensino Superior
e de Investigação Científica e Cultural
Património Mundial em 2013



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificado como original licenciados de acordo com a fonte.
Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.
Original contents licesed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.

La cuestión de la justificación para una concepción emancipatoria de los derechos humanos

AN Original

2023-10-03

Por Mario García Roche

¿Necesitan los derechos humanos ser justificados? *A priori*, plantear esta cuestión es a todas luces una pregunta que encierra en sí misma la respuesta, dado que los derechos humanos son ellos mismos un fundamento moral y presentes jurídicamente, primero, dentro de los diversos Estados-nación y, posteriormente, en el ámbito interestatal. Aquí, los derechos humanos tienen como objetivo la protección de la dignidad de todo ser humano, siendo así que la violación de los derechos humanos supone una violación de esta dignidad. Con todo, esta perspectiva netamente abstracta y moral sobre la que reposan los derechos humanos es ciertamente contradictoria cuando es invocada en contextos específicos. Esta práctica de los derechos humanos en muchos casos se ejerce a través de su instrumentalización de acuerdo con diversos intereses económicos, políticos o militares que contravienen los principios emancipatorios sobre los que sustentan. En consecuencia, los derechos humanos se tornan un instrumento en manos de los poderes hegemónicos y que, paradójicamente, pueden terminar por reproducir las diversas formas de dominación capitalistas, coloniales y patriarcales.

Diversos abordajes teóricos y políticos han intentado buscar una salida de esta contradicción en la forma en la que se ponen en práctica los derechos humanos en nuestra realidad global. Entre ellos, el proyecto de las Epistemologías del Sur de Boaventura de Sousa Santos propone una concepción intercultural y contra-hegemónica de los derechos humanos. Esta concepción buscaría, por un lado, elaborar una crítica del desempeño histórico de los derechos humanos y de las desigualdades y marginalizaciones que han ayudado a perpetuar, y, por otro lado, establecer un diálogo entre las distintas formas de dignidad humana existentes en el mundo de modo que se trasciendan la limitada concepción de lo humano en el contexto occidental. Esta propuesta intercultural y plural buscaría contextualizar los derechos humanos dentro de las necesidades concretas de las diversas luchas emancipatorias. De esta forma, las diversas concepciones culturales de la dignidad humana, entendida como una forma de conocimiento proveniente de contextos culturales específicos, serían movilizadas de acuerdo con los diferentes objetivos de las luchas sociales y de sus proyectos emancipatorios.

Sin embargo, esta propuesta plural e intercultural de los derechos humanos debe enfrentarse a ciertas cuestiones. Una de ellas está relacionada con el debilitamiento del fundamento moral de los derechos humanos. Dicho brevemente, el problema se encuentra en que las luchas sociales tal y como las entiende Santos no están sujetas a criterios externos que puedan decidir sobre su desarrollo efectivo. Así, son las personas afectadas por las injusticias y exclusiones que movilizan las luchas las que deciden sobre los conocimientos y prácticas usadas en ella. En este contexto, la moralidad universal de los derechos humanos se convierte en una concepción más plural, lo que Santos denomina una

“pluriversalidad”. El problema que surge al respecto es si una reducción de los criterios transculturales emancipatorios recogidos en una moral universal tal y como los derechos humanos pretenden dificulta la consecución de los objetivos emancipatorios que Santos y las Epistemologías del Sur persiguen. Aquí, lo que se pone en cuestión es si el desarrollo autónomo de las luchas y de las “gramáticas de la dignidad humana” movilizadas en ellas no pueden acabar por cambiar unas formas de dominación por otras de manera que los objetivos emancipatorios queden coartados por nuevos procesos de violencia, desigualdad y exclusión.

Volviendo a la pregunta planteada al principio de este texto, ésta se vuelve menos ingenua si se enfoca desde una perspectiva diferente, la de qué significaría justificar, cuáles serían los criterios de dicha justificación, y qué relación guardarían con la cuestión de los derechos humanos. De forma general, dicha perspectiva ahondaría en la dimensión contextual en la que los derechos humanos se inscriben como discurso práctico y políticamente activo. En este sentido, el acto de justificar tiene una dimensión particularmente contextual y performativa *a priori* pertinente en los contextos de lucha mencionados por Santos. En el caso de los derechos humanos, esto hace que cambien el planteamiento esbozado más arriba: los derechos humanos no se justifican a sí mismos, sino que son justificados en diversos contextos. Evidentemente, los derechos humanos no se tienen ni se deben de justificar constantemente. Diferentemente, la pertinencia moral de una acción será legítima si se dan razones pertinentes a aquellos afectados por ella debido a que éstos, como sujetos morales autónomos, deben ser tratados como individuos que tienen derecho a la justificación. De un modo reconstructivo y reflexivo, este derecho a la justificación permite a los individuos apelar a aquellos derechos morales inalienables y transculturalmente válidos que no pueden ser negados razonablemente.

Pero ¿bajo qué forma se da esta justificación? Ciertamente, cuando pensamos en una justificación lo que se nos viene a la mente es un discurso racionalmente articulado con el objetivo de que sea percibido como razonable y válido. Sin embargo, ¿existe la posibilidad de que una justificación razonable y válida articulada de manera no racional? Uno de los ejemplos que podrían esgrimirse es el del grito en una situación que causa dolor o sufrimiento. Aquí, el grito por sí solo ya es una apelación justificada de que un sujeto concreto está viviendo una situación injusta a la cual se le debe poner remedio. Para el caso de los derechos humanos y de lo explicado en el párrafo anterior, esto supone ampliar las formas en las que los derechos humanos se vuelven relevantes como un soporte de protección de la dignidad humana. Porque a veces las reivindicaciones de derechos individuales, colectivos o culturales no provienen de manifestaciones claramente articuladas, sino también del propio sufrimiento encarnado y corporalizado que de por sí ya justifican el hecho de que ha existido un ataque hacia la dignidad de un individuo o colectivo y, consecuentemente, la violación de los derechos inviolables e inalienables que ellos tienen.



**EPISTEMOLOGIAS
DO SUL**



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização
dos Países Unidos
para a Investigação
e Cultura e a Cultura



Universidade de
Coimbra - Alta e Sofia
inscrita na Lista do Património
Mundial em 2013



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificado como original licenciados de acordo com a fonte.

Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.

Original contents licesed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.



en Reflection Original Anti-Capitalism Anti-Colonialism Anti-Heteropatriarchy

Narratives and imaginaries as (polarising) war weapons

AN Original - UNPOP Series

2023-09-30

By Sofia José Santos, Alexandre de Sousa Carvalho



Photo by [Jakob Owens](#) for Unsplash

Common sense across times has insistently told us that war is fueled by military weapons - the echo of their shootings, the dread, the horror, the piercing joy of conquests and the helpless shriek of the losses. As if when arms were to turn quiet, the war would disappear in its stillness. Nevertheless, as we expose

and debunk the idea of war, we realise that it does not reside solely in the military might. That is only a parcel of what it feeds on. Despite devoided of military ammunition, narratives and imaginaries are the other fundamental pillar of waging war. Through coherently uniting events, identities and ambitions, war narratives seek to activate imaginaries of dreams and terror, of "us vs them", trying to give political substance to the military, provide the appearance of coherence and purpose to war horror, and inject pathos to the war mobilisation - most times through combining text with instrumental emotions such as hatred, proud, hope, anger and repulse.

In producing and disseminating successful narratives in a war context, representations are pivotal. Controlling the possibilities concerning how the Other is depicted and silenced is equally central. Not by chance, for example, that the censorship of RT became official in the European Union soon after Russia invaded Ukraine in February 2022. In spite of us living in the current digital information Era, war efforts in the 21st Century still promote centuries-old logics, of which the monopoly of the use of propaganda seems to be one among many. Despite the power of war narratives, the creation and dissemination of narratives that support and contest the war do not necessarily occur in a linear model from a single transmitter to multiple receivers that are diluted into an anonymous and uniform mass, nor is everything produced by one person, at one time or in one place. There are several actors. Several elements feed these dynamics. Amidst this logic, the media plays a central role. They are fundamental pieces in this game. It was not for nothing that Kissinger created the " shuttle diplomacy " (an embryonic figure of the current embedded journalism model) or that, in the Rwandan genocide, Radio Television Milles Collines was a key player in inciting the Tutsi's genocide in 1994 or that, more recently, Facebook was instrumental in promoting the persecution and genocide of the Rohingya in Myanmar.

However, in spite of the polarisation, the creation and dispute of narratives should not be seen at all in a Manichaeian way. It is dynamic, always under construction, always in dispute and complex, always emotive and rational. In other words, on the narrative war board, all parties to the conflict are present without exception. The war narrative can be co-opted by those who do not occupy decision-making positions and, not agreeing with the war, were sent to fight it, or those who suffer from the war may also need these exact stories. Without them, the war would be nothing but horror and despair. Those who contest war and those who seek peace also look at the terrain of narratives as a dispute board where war can be politically dismantled, deconstructed and overcome using arguments moved by solidarity, empathy and enthusiasm.

This narrative potential for political dissension is mainly due to two dualisms that feed and define both narratives as such and narratives as a space for dispute. The first dualism points to the weight of the past and adaptability to the present. In other words, the narratives draw on foundational identity structures while constantly facing renegotiations. That is, rootedness coexists with plasticity and the challenge and aspirations of the moment. Even when narratives unfold and linger in present times, they combine elements of the past and ambitions for the future, making them remarkably effective in political terms. They are based on such structuring elements of a given society or community that only through the use of specific names, adjectives or labels, conceptual connections such as "democracy" or "security", for example, or simple processes of connotation can they be activated in the imaginaries that serve it are successful. However, they are also highly malleable and negotiable by updating or making some terms or connections unfeasible. The well-known example used by Stuart Hall , where he opposes "terrorists" and "freedom fighters" as two possible words (and thus lenses) to interpret the actions of Palestinians, is illustrative of this. The second is that narratives and their construction - as has been widely discussed - always happen in a permanent tension between macro and micro , in which transhistorical macro-narratives offer a form of "rationality" that gains meaning by being rooted in the dominant culture and micro-narratives. Narratives from people's daily experiences or alternative or marginalised political agendas feed, contest or gradually negotiate the macro-narrative. The relationship between the micro and the macro is, each time, a power relationship. Micro-narratives always occur in relation to or in tension with macro-narratives, co-opting them, subscribing to or challenging them.

In terms of the war in Ukraine, for example, one can consider the existence of two macro narratives. On the Russian side, the narrative is based on the denunciation of the hostility and self-interest of the West that is behind the regime change in Kyiv, coupled with the need to stop the fascist threat from spreading in Ukraine. This depiction and presentation of the conflict feeds and intertextually activates other historical narratives in Russia (such as the siege syndrome). Sticking the case of Ukraine to this macro-

narrative is a successful way of building a threat and, therefore, an enemy that is vital to defeat. On the Ukrainian side, one finds the narrative of self-determination, resistance and self-defence. Much of the success of the Ukrainian narrative rests on its ability to omit its own flaws or inconsistencies, which echoes European discourses and mediascapes. Under the justification of being victims of an invasion, which almost no one disputes, the Ukrainian side is constantly represented in a superficial and whitewashed way and as “one of us”. There is no mention, for example, of Ukraine's corruption problems or the weaknesses concerning the rule of law and rights protection. Between each macro narrative built upon the past and imagining a specific future, one can find multiple micro-narratives that coopt or contest them in many ways, particularly if looking at social media accounts or testimonies in alternative media.

In Portuguese media, the polarised narratives of the war in Ukraine also echo. This means that past, present and future are also negotiated here. Just like many other NATO countries, the propensity to demonise one side and to neglect micro-narratives tend to be the norm, failing to do justice to the complexity of the topic. Just as reality is never closed in just one story, neither are the stories that tell and underpin war. The other side, however flawed and wrong, also has a story to tell and must be heard and considered. Polarisation is seldom productive when aiming at building long-lasting positive peace. Depolarising does not mean, however, nor can it mean, depoliticising for politics is the centre stage of depolarisation and building peace.



Sofia José Santos is an Assistant Professor of International Relations at the Faculty of Economics of the University of Coimbra and a researcher at the Center for Social Studies where she is part of the UNPOP project team, coordinated by Cristiano Gianolla. She also integrates MEDIATIZED-EU and MYGENDER research projects and coordinates, together with Júlia Garraio, the research project UNCOVER which focuses on media representations of sexual violence. Her work has been published in different scientific journals, namely Media and Communication and Contexto Internacional.



Alexandre de Sousa Carvalho is a junior researcher at the Center for Social Studies of the University of Coimbra. He coordinated the thematic area on "Populism and Extreme Masculinities" within the DeCode/M research project and is currently a member of the research project UnCover-Sexual Violence in the Portuguese Media Landscape. Since September 2023, he is part of Observatório Masculinidades.pt, where he is the Observatory's communications coordinator and member of the EMiNC. His work has already been published in different scientific journals, such as the European Journal of Women's Studies and COMMONS.



EPISTEMOLOGIAS
DO SUL



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificado como original licenciados de acordo com a fonte.
Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.
Original contents licesed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.